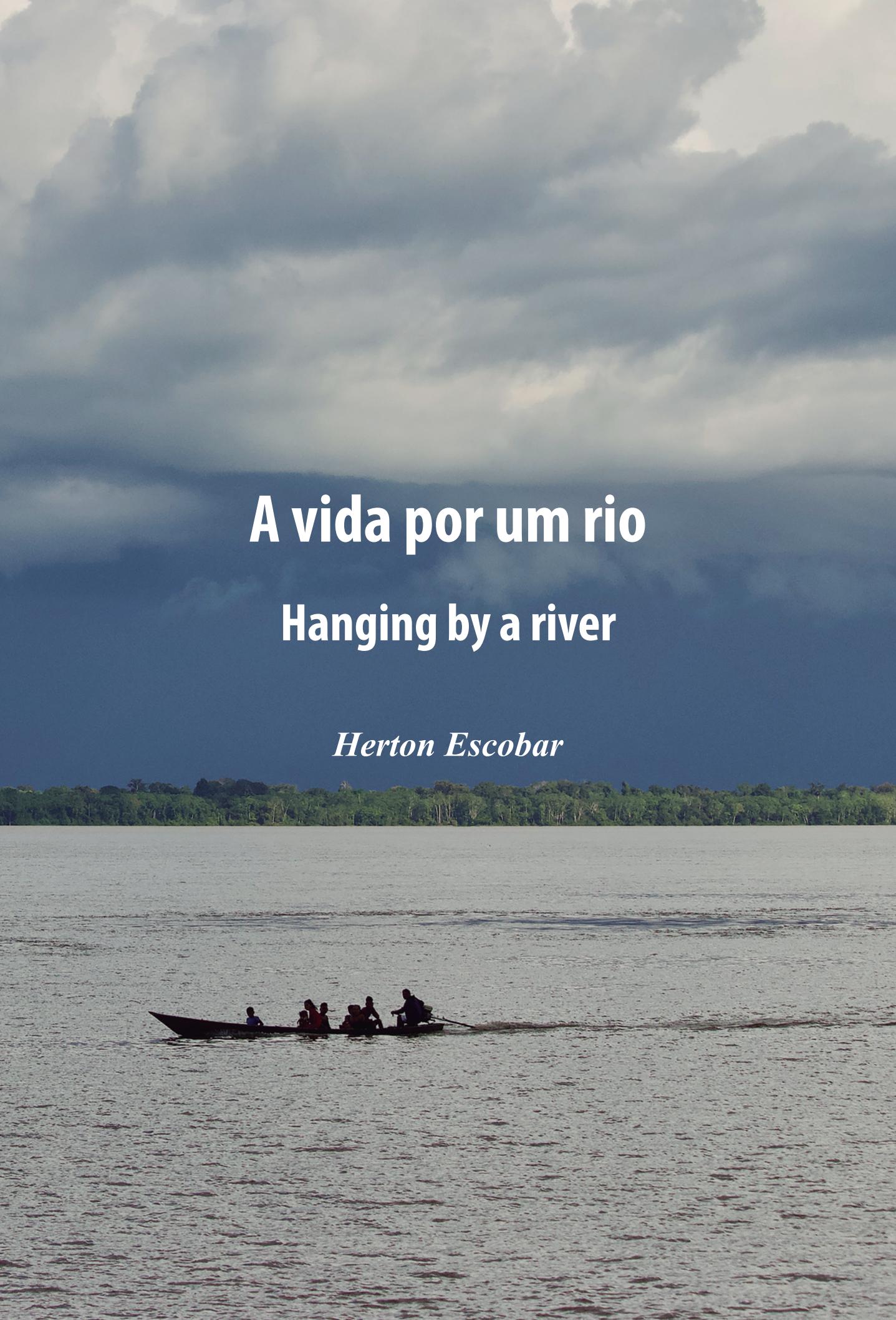


arte





A vida por um rio

Hanging by a river

Herton Escobar



Havia acabado de anoitecer quando ouvi a boa e velha música de abertura do “Jornal Nacional” escapando pela janela da residência ao lado. Seria algo rotineiro, totalmente irrelevante, não estivéssemos no meio de uma comunidade ribeirinha na Amazônia, coletando morcegos, num dos lugares mais distantes e isolados da minha realidade urbana que eu já tive o prazer de conhecer. Notando minha curiosidade, a família me convidou para entrar e assistir à televisão com eles. Logo aceitei e me debrucei, um tanto acanhado, sobre a varanda da casa de madeira para acompanhar o noticiário.

Era 10 de julho de 2025, e a grande notícia do momento era a chantagem tarifária anunciada pelo presidente americano Donald Trump no dia anterior para tentar influenciar o julgamento do ex-presidente brasileiro Jair Bolsonaro no Supremo Tribunal Federal. Assistimos à entrevista do presidente Lula, defendendo a soberania nacional e discutindo as possíveis implicações geopolíticas do caso,

ao mesmo tempo em que pesquisadores portando lanternas de cabeça capturavam morcegos no entorno da casa, num esforço para conhecer melhor a incrível biodiversidade daquela região longínqua da floresta. Um belo lembrete de como a Amazônia e seus habitantes estão conectados com o presente e o futuro do planeta, por mais distante, remota ou inacessível que ela possa parecer no mapa.

Estávamos na comunidade São Raimundo Moreira, um agrupamento de apenas sete famílias, que escolheram viver à beira de uma das muitas curvas do Rio Jutaí, no oeste do Amazonas; e eu estava acompanhando uma expedição científica liderada pelo professor Alexandre Percequillo, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) da USP, com a missão de pesquisar a biodiversidade de ratinhos, morcegos e outros pequenos mamíferos da Amazônia.

Foram quase dez dias de viagem de barco para chegar até ali, saindo de Manaus; e ao

HERTON ESCOBAR é repórter especial do *Jornal da USP*, especializado em ciência e meio ambiente.

longo de todo o trajeto passamos por dezenas – talvez centenas, não cheguei a contar – de comunidades ribeirinhas, algumas das quais estão retratadas no ensaio fotográfico que se segue. Confesso que essa foi a experiência mais marcante da expedição: não importa quão longe você vá na Amazônia, sempre tem gente morando lá. São 22 milhões de habitantes na Amazônia Legal como um todo, segundo o IBGE, agrupados em diferentes modelos comunitários: desde grandes centros urbanos até pequenas comunidades indígenas e ribeirinhas, onde a vida segue o fluxo das águas; os rios são ruas, os barcos são carros, e as canoas, bicicletas.

Vale ressaltar que isso não é novidade: evidências arqueológicas e etnográficas indicam que algo entre 8 e 10 milhões de pessoas já viviam na Amazônia quando os europeus desembarcaram na América do Sul, no século XVI, e começaram a dizimar os povos originários da floresta. Ou seja, o ser humano sempre foi, e sempre será, parte da Amazônia. O grande desafio hoje, em tempos de crise climática e colapso ambiental generalizado, é garantir que essa convivência ocorra de forma sustentável,

tanto do ponto de vista social (com acesso a saúde, educação e respeito aos direitos das populações indígenas e tradicionais) quanto ambiental (com manutenção da biodiversidade e dos serviços ecossistêmicos essenciais que ela fornece à nossa própria sobrevivência). A ciência tem um papel fundamental nessa equação, no sentido de produzir o conhecimento necessário para a elaboração e implementação de políticas públicas de qualidade.

Muitas dessas comunidades ribeirinhas já possuem rede elétrica, e o acesso a painéis solares, telefones celulares e internet via satélite facilita cada vez mais sua conexão com o restante do planeta. Em São Raimundo Moreira, apenas dois dos 13 filhos do senhor Raimundo de Assis, de 57 anos, ainda vivem na comunidade – os outros foram morar na cidade, em Jutaí. Pergunto a ele por que decidiu viver ali, naquela curva de rio, no meio da floresta. “Porque eu nasci aqui”, responde. E é lá que ele pretende ficar, pelo menos por enquanto. “Na cidade a gente precisa de muito mais dinheiro para sobreviver”, justifica. “Aqui a gente tem o peixe, tem a farinha, tem a banana; tem tudo.”

It had just turned dark when I heard the familiar opening theme of “Jornal Nacional” coming through the window of the house next to us. It would have been a routine, totally irrelevant event, were we not collecting bats in the middle of a riverside community in the Amazon, in one of the most remote and isolated places from my urban reality that I have ever had the pleasure of visiting. Noticing my curiosity, the family invited me inside to watch television with them. I readily accepted and leaned, somewhat shyly, over the porch of the wooden house to watch the news.

The date was July 10, 2025, and the main story on that day was the tariff blackmailing announced the day before by American president Donald Trump, in an attempt to influence the trial of former Brazilian president Jair Bolsonaro in the Federal Supreme Court. We watched president Lula’s interview, in which he defended Brazil’s national sovereignty and addressed the possible geopolitical repercussions of the case; while, outside, researchers equipped with headlamps captured bats around the house, in an effort to better understand the incredible biodiversity of that remote region of the forest. It was a nice reminder of how the Amazon and its inhabitants are connected to the present and future of the planet, no matter how far or remote they may appear on the map.

We were in São Raimundo Moreira, a settlement of just seven families who had chosen to live alongside one of the many bends of the Jutaí River in western Amazonas State. I was there as part of a scientific expedition led by professor Alexandre Percequillo, from the Luiz de Queiroz College of Agriculture (Esalq-USP), dedicated to studying the biodiversity of rodents, bats, and other small mammals of the Amazon.

Reaching the community took us almost ten days of boat travel from Manaus. Along the way we passed dozens—perhaps hundreds, as I didn’t keep count—of riverside

HERTON ESCOBAR is a special reporter for *Jornal da USP*, specialized in science and the environment.

communities, some of which are shown on the photo essay that follows. For me, this was one of the most striking impressions of the expedition: no matter how deep into the Amazon you go, you always find people living there. According to IBGE figures, 22 million people live in the Legal Amazon region, spread across a variety of settlement types—from large cities to small indigenous and riverside communities, where life follows the rhythm of the rivers and waterways serve as streets, boats as cars, and canoes as bicycles.

It's important to note that this is not new. Archaeological and ethnographic evidence suggest that between 8 and 10 million people already lived in the Amazon when Europeans arrived in South America in the 16th century and began decimating its native populations. Human presence, in other words, has always been and always will be a part of the forest landscape. The big challenge now, in times of climate crisis and widespread environmental collapse, is to ensure that coexistence takes place sustainably, both in social terms—with access to healthcare, education, and respect for the rights of indigenous and traditional peoples—and environmental terms—with the protection of biodiversity and the essential ecosystem services on which we depend for our own survival. Science plays a crucial role here, providing the knowledge needed to design and implement effective public policies.

Many riverside communities today already have access to electricity, while solar panels, mobile phones and satellite internet increasingly connect them to the rest of the world. In São Raimundo Moreira, only two of the 13 children of 57-year-old Raimundo de Assis still live with him in the community; the others have moved to the nearby town of Jutaí. I asked him why he chose to live in that specific river bend, in the middle of the forest. “Because I was born here,” he said. And that is where he intends to stay, at least for now. “In the city you need much more money to survive. Here we have fish, flour, bananas—we have everything.”



Uma família de ribeirinhos observa a passagem do barco da expedição pelo Rio Solimões
Riverside dwellers gaze at the expedition boat as it passes by their community in the Solimões River



Crianças brincam sobre uma “rabetá” (canoa motorizada) em uma comunidade ribeirinha do Rio Solimões
Children play on a motorized canoe (“rabetá”) near a riverside community of the Solimões River



As rabetas são um dos principais veículos usados pelas comunidades ribeirinhas da Amazônia
Rabetas are one of the main vehicles used by riverside communities in the Amazon



Uma típica casa de ribeirinhos no Rio Solimões. A estrutura de palafitas protege as casas durante a cheia dos rios
A typical riverside home in the Solimões River. The stilt structure protects the home during the high-water season



Pescador checa sua rede em frente a uma comunidade ribeirinha no Rio Solimões
A riverside dweller checks his fishing net in front of a community in the Solimões River



Moradores de uma comunidade no Rio Solimões observam a passagem do barco da expedição
Riverside dwellers in the Solimões River gaze at the expedition boat as it passes by their community



Família prepara um carregamento de bananas. Muitas comunidades vivem da pesca e agricultura de pequena escala

A family prepares a load of bananas. Many communities rely on fishing and small-scale agriculture for their livelihoods



Vista do centro de Coari, uma das maiores cidades da calha sul do Rio Solimões, com 74 mil habitantes
Coari is one of the biggest cities in the southern bank of the Solimões River, with 74 thousand inhabitants



Crianças aguardam pelo barco escolar numa comunidade ribeirinha do Rio Solimões
Children wait for the boat that will take them to school in a riverside community of the Solimões River



Raimundo Brito de Assis, líder da comunidade São Raimundo Moreira, de apenas sete famílias
Raimundo Brito de Assis, leader of the São Raimundo Moreira community, of just seven families



Arnaldo Trajano e sua esposa, Maria Leni; moradores da comunidade Marauá, na Reserva Extrativista do Rio Jutaí

Arnaldo Trajano and his wife, Maria Leni, live in the Marauá riverside community, in the Jutaí River Extractive Reserve